

Samuel Beckett, uma cronologia

1906. Em 13 de abril, nasce em Cooldrinagh, casa da família situada em Foxrock, subúrbio ao sul de Dublin; é o segundo filho de William (um fiscal de pesos e medidas) e Mary “May” Beckett (matriarca dedicada a obras de caridade), ambos protestantes abastados.

1920. Aluno interno da Portora Royal School, tradicional colégio por onde passou Oscar Wilde. Destaca-se como atleta, no críquete e no rúgbi, e nos estudos, especialmente interessado pelo francês.

1923. Matricula-se no Trinity College, dedicando-se às línguas modernas (italiano e francês); tem como preceptor o futuro co-editor das obras do filósofo idealista Berkeley. Outro professor, Thomas Rudmose-Brown, amigo de Valéry Larbaud e Léon Paul-Fargue, apresenta-lhe a produção contemporânea francesa. Nos intervalos das leituras de Dante, frequenta o Abbey Theatre do pós-guerra civil irlandês, acompanhando a ascensão do dramaturgo Sean O’Casey.

1926-27. Na tradição européia, viagem de verão à França (Tours), percorrendo, de bicicleta (presença constante em seus livros), o Vale do Loire; no ano seguinte, férias na Itália (Florença e Veneza). Submete-se aos exames finais, graduando-se como o primeiro da turma.

1928. Por dois trimestres, dá aulas de francês e inglês no Campbell College, Belfast, Irlanda do Norte. Primeira visita à Alemanha, onde fica com a prima, Peggy Sinclair, e sua família em Kassel. A partir de outubro, assume o cargo de leitor na École Normale Supérieure, em Paris, onde permanecerá por dois anos. Aproxima-se de James Joyce e seu círculo.

1929. Sai “Dante... Bruno. Vico.. Joyce”, seu primeiro ensaio crítico, na obra coletiva em torno do *Work in Progress*, o futuro *Finnegans Wake*, de Joyce. Tem um conto, “Assumption”, editado na revista de Eugène Jolas, *transition*.

1930. Compõe “Whoroscope”, poema dramático em primeira pessoa que junta uma reflexão sobre o tempo a passagens da vida de René Descartes, o protagonista; foi premiado em concurso e editado pela Hours Press. Leitura de filósofos (Schopenhauer, Kant e Arnold Geulincx), mas também de Proust. Em setembro, volta a Dublin, convidado a ensinar francês no Trinity College. Fica amigo do pintor Jack. B. Yeats, irmão mais velho do poeta W.B. Yeats (muitos dos amigos mais próximos de Beckett foram artistas plásticos).

1931. Primeira experiência dramática, atuando em *The Kid*, paródia do *Cid*, de Corneille, escrita em colaboração e encenada no Trinity College. Conclui *Proust*, ensaio sobre *Em busca do tempo perdido*, publicado pela editora Chatto and Windus, em que antecipa temas essenciais da obra beckettiana (a ação do tempo, da memória e do hábito sobre a identidade e a natureza da linguagem). Passa o Natal na Alemanha, com os Sinclair, de onde, por carta, pede demissão da universidade, alegando não poder ensinar aos outros aquilo de que não tinha certeza saber.

1932. Instala-se em Paris, onde passa a viver de artigos literários e traduções esporádicas (entre as quais, “Le bateau ivre”, de Arthur Rimbaud, além de poemas de Paul Éluard e André Breton). Dedicase a *Dream of fair to middling women*, espécie de retrato do artista quando jovem que tenta, sem sucesso, editar. Publica, no entanto, o conto “Dante and the lobster” na revista parisiense “This quarter”. Em meio a uma onda de xenofobismo e problemas para acertar seus documentos de permanência, volta à Irlanda.

1933. Em maio, morre sua prima Peggy (personagem de *Dream...*) e, em junho, o pai. Abalado pelas perdas, muda-se para Londres, onde vive modestamente com o que recebe de herança.

1934. Publica *More pricks than kicks* (Chatto and Windus), volume de contos protagonizados por Bellacqua, estudante dublinense como o autor batizado em homenagem à personagem condenada ao Ante-Purgatório, na *Divina Comédia*, de Dante. Também escreve poemas, depois reunidos no volume *Echo's bones and other precipitates* (1935). Começa uma temporada de análise com o psicanalista Wilfred R. Bion.

1935. Dedicase à composição de *Murphy*, movimentado romance de perseguição a um protagonista evasivo, com toques de picaresco e linguagem colorida e alusiva, passado em Londres. Impressiona-se com as conferências de C.G.Jung na Tavistock Clinic (especialmente com o relato de uma paciente cuja dor decorreria de nunca ter efetivamente “nascido”).

1936. Pouco a vontade em Londres, faz nova viagem à Alemanha (Hamburgo, Magdeburgo, Dresden, Berlim, Nüremberg), onde, em meio às visitas a museus e a galerias de arte, experimenta o terror da ascensão nazista. Conclui o datiloscrito de *Murphy*.

1937. Retorna a Paris. Aproxima-se de novos artistas plásticos, entre os quais os irmãos Bram e Geer Van Velde, Alberto Giacometti e Marcel Duchamp. Primeiros poemas em francês. Caso de amor passageiro com Peggy Guggenheim, milionária e colecionadora de arte americana que o apelida Oblomov, como o personagem-título do romance de Gonchárov, refratário à ação.

1938. Na vizinhança de seu apartamento parisiense, em Montparnasse, é esfaqueado por um mendigo que, perguntado na prisão sobre o motivo, responde não saber. Convalescente, conhece a pianista Suzanne Descheveaux-Dumesnil, sua futura companheira até a morte. Depois de muitas recusas, *Murphy* é publicado em Londres. Em colaboração com Alfred Péron, trabalha na tradução francesa do livro, além de escrever poemas diretamente em francês.

1939. A declaração alemã de guerra à França surpreende-o na Irlanda, em visita à mãe; mesmo assim, volta a Paris. Publicação do *Finnegans Wake* e declaração de guerra da Inglaterra à Alemanha.

1940. França ocupada. Encontra Joyce pela última vez em Vichy. Adere à rede da Resistência Francesa, servindo como correio, intérprete e secretário.

1941. Morte de James Joyce, em Zurique.

1942. Escapa por um triz da Gestapo, que captura e deporta o amigo Perón, morto mais tarde num campo de concentração. Acompanhado da mulher, deixa Paris e refugia-se, clandestino, no sul não-ocupado da França.

1942. Em Roussillon, trabalha colhendo uvas para os produtores locais, mantendo-se ligado ao grupo da resistência local. Aproxima-se do pintor Henri Hayden, refugiado na mesma região, e dedica-se à escrita de *Watt*, romance que o ajuda a vencer a monotonia sobressaltada da espera.

1945. Liberação de Paris. De volta à cidade, serve à Cruz Vermelha irlandesa, trabalhando como motorista, encarregado de almoxarife e intérprete em Saint-Lô, na Normandia. Nos *Cahiers d'Art*, publica o ensaio “La peinture des Van Velde ou le monde et le pantalon” (“A pintura dos Van Velde ou o mundo e as calças”).

1946. Trabalha em *Mercier et Camier*, seu primeiro romance em francês, cujos diálogos antecipam as falas de Vladimir e Estragon, em *Esperando Godot*. Dedicase à composição das “Novelas” (“O expulso”, “O calmante” e “O fim”, além de “Primeiro amor”), ensaio inicial da voz em primeira pessoa do anti-herói marginal, reflexivo e despossuído característico de sua prosa madura.

1947. Começa sua primeira peça em francês, *Eleuthéria*, inédita até sua morte, além dos romances *Molloy* e *Malone morre*, em que os vagabundos beckettianos típicos, narradores cômicos e inquietantes a um só tempo, solitários e submetidos a crises de corpo e espírito, saltam ao primeiro plano.

1948. Escreve *Esperando Godot*, peça em que Vladimir e Estragon, perdidos numa terra de ninguém, presos nas armadilhas da repetição, ocupam-se matando o tempo, nos trilhos de diálogos e rotinas esvaziadas.

1949. Trabalha no terceiro romance da sua primeira trilogia, *O inominável*, narrativa que leva ao extremo os avanços por impasses que caracterizam seu estilo do pós-guerra. Vive de traduções para a revista *Transition*, em nova fase, dirigida por um amigo holandês, interlocutor de suas reflexões sobre pintores contemporâneos (Tal Coat, André Masson e Bram van Velde), publicadas como os “Três diálogos com Georges Duthuit”.

1950. Morre sua mãe, Mary. Além das traduções (uma coletânea de poesia mexicana contemporânea e “Zone”, de Guillaume Apollinaire), dedica-se a treze fragmentos em prosa que define como “impossível”, os *Textos para nada*, ensaio de recomeço após a implosão de modelos narrativos levada a cabo na trilogia. Tristan Tzara e o ator e diretor Roger Blin passam a incluir-se entre os entusiastas de *Esperando Godot*, ainda inédita.

1951. Depois de seguidas rejeições, *Molloy* e *Malone meurt* são publicados por Jérôme Lindon, das Éditions de Minuit.

1952. Publicação de *Esperando Godot*.

1953. Sob a direção de Roger Blin, *Esperando Godot* estréia no pequeno Théâtre de Babylone, em Montparnasse, administrado por J.-M. Serreau. *Watt* é publicado em Paris pela Olympia Press. Inaugurando um esforço sistemático de auto-tradução de suas obras, traduz *Esperando Godot* (e os demais textos concebidos em francês) para o inglês.

1954. Morte de Frank, seu irmão mais velho. Começa a redigir um diálogo dramático que será o embrião de “Fim de partida”.

1955. *Molloy*, em inglês, sai pela Olympia Press, em Paris. Estréia a produção londrina de *Esperando Godot*, no Arts Theatre Club, dirigida por Peter Hall, e *Novelas e Textos para nada (Nouvelles et Textes pour rien)* são publicados em volume único pelas Éditions de Minuit.

1956. Com a direção de Alain Schneider, *Esperando Godot* inaugura o Cocunut Grove Playhouse, em Miami; a peça é publicada em inglês, pela Faber and Faber. Conclui versão em ato único de *Fim de*

partida, o *Ato sem palavras* e *Todos os que caem*, peça radiofônica veiculada no ano seguinte pela BBC.

1957. Traduz *Fim de partida* para o inglês. Estréia mundial no Royal Court Theatre, em Londres, encenada em francês, sob a direção de Roger Blin. Descrita pelo autor como “mais difícil”, elíptica” e “desumana” que *Godot*, a peça expõe as torturas mútuas entre dois pares de personagens decrepitos ou mutilados - o tirano Hamm e seu criado Clov; o casal de velhos entocados em latões de lixo, Nagg e Nell -, sobrevivendo, isolados, num abrigo nada acolhedor.

1958. Escreve a peça *Krapp's last tape (A última gravação de Krapp)*, reflexão sobre o tempo, a memória e o hábito, que se arma a partir de diálogos entre um ator e registros de sua voz em gravadores de rolo. Estréia em Londres. Começa o romance *Como é*.

1959. Escreve *Cinzas*, peça radiofônica que vai ao ar em outubro pela BBC, e *Ato sem palavras II*.

1960. Muda-se para o apartamento do Boulevard St. Jacques, em Montparnasse, onde viverá até a morte. Estréia francesa de *La dernière bande (A última gravação de Krapp)*.

1961. Escreve a peça *Dias felizes* e divide com Jorge Luis Borges o Prix International des Éditeurs. Escreve uma peça radiofônica em francês, *Cascando*. Estréia na Alemanha ópera de Marcel Mihailovici baseada em *A última gravação de Krapp*.

1962. Compõe *Palavras e música*, peça radiofônica com música original de John Beckett, depois retomada em peça musical do compositor americano Morton Feldman. Elabora a versão inglesa de *Como é*.

1963. Conclui o roteiro de *Film*, curta-metragem protagonizado por Buster Keaton, que co-dirigiu com Alain Schneider, em Nova York, no ano seguinte, premiado com a Palma de Ouro para os média-metragens em Cannes. Escreve a peça *Play* e participa ativamente da montagem alemã da peça. *Dias felizes* estréia em Paris, no Odéon, com Madeleine Renaud.

1965. Escreve *Imagination morte imaginez* e *Assez*, dois textos em prosa que indicam a tendência da prosa final, breve, condensada e complexa. *Eh Joe*, peça televisiva, vai ao ar pela BBC2 no ano seguinte. Começa a escrever *O despovoador*, narrativa distópica sobre uma comunidade de seres residualmente humanos, aprisionados num espaço fechado, em busca de uma improvável saída.

1966. Traduz os *Textos para nada* para o inglês e colabora na tradução de *Watt* para o francês.

1967. Publicação de *No's Knife*, coletânea de textos curtos em inglês, e *Têtes-mortes*, volume análogo em francês.

1968. Dirige *Endspiel (Fim de partida)*, no Schiller Theater de Berlim;

1969. Escreve *Sans*, que traduz em seguida para o inglês como *Lessness*. Durante férias na Tunísia, recebe a notícia de que ganhou o Prêmio Nobel de Literatura. No Brasil, *Esperando Godot* é encenado por Cacilda Becker e Walmor Chagas, dirigidos por Flávio Rangel, em temporada interrompida pela morte da atriz.

1970. Autoriza a primeira publicação de *Mercier et Camier e Primeiro amor*, ambos escritos em 1946.

1971. Dirige *Glückliche Tage (Dias felizes)* no Schiller Theater de Berlim. Beckett atuou como diretor também em Londres, Stuttgart e Paris.

1972. Escreve em inglês a peça *Eu não*. Traduz *Primeiro amor* para o inglês.

1973. Traduz *Eu não* para o francês e *Mercier et Camier* para o inglês.

1974. Escreve a peça *That time*.

1975. Dirige *Esperando Godot* no Schiller Theater de Berlim. Começa a miniatura dramática *Footfalls*. Dirige *Eu não* em Paris. Escreve *Pour finir encore*. Escreve *Ghost Trio*, peça televisiva inspirada na peça musical de Beethoven.

1976. Escreve a peça televisiva *... but the clouds....*. Estréia londrina de *That time*, com Patrick Magee (para quem foi escrita), e *Footfalls*, com Billie Whitelaw (*idem*), no Royal Court Theatre.

1977. Começa a escrever *Companhia*, primeiro dos volumes de sua segunda trilogia em prosa, apoiado não mais na primeira pessoa, mas na “última pessoa narrativa”, voz cindida e dramatizada no texto nas disputas entre um falante e um ouvinte que dá forma a resíduos da experiência pessoal (as caminhadas com o pai, por exemplo).

1978. Dirige *Spiel (Comédia)*, no Schiller Theater de Berlim.

1980. Começa a escrever o romance *Mal visto mal dito*, narrativa em torno da presença fantasmática de uma velha, corroída pelo luto e às portas da morte, e das condições de sua observação e tradução ficcional em linguagem.

1981. Escreve e traduz as peças *Cadeira de balanço* e *Improviso de Ohio*, esta última encomendada por Stanley Gontarski, um estudioso americano, para ser apresentada em colóquio em sua homenagem. Escreve o volume final da sua segunda trilogia, *Worstward ho* (*Pioravante marche*).

1982. Escreve e traduz *Catastrophe*. Publica *A piece of monologue* (*Solo*), escrita para o ator irlandês David Warrilow. Escreve *Nacht und Träume* (título original em alemão: *Noites e sonhos*) para a televisão, comissionado pela emissora alemã Süddeutsche Rundfunk (Stuttgart).

1989. Em julho, morre sua mulher, Suzanne. Em 22 de dezembro, morre Samuel Beckett.